

## A relação entre gêneros do discurso e fenômenos variáveis na terceira onda variacionista

### The Relationship between Discourse Genres and Variable Phenomena in the Third Wave of Variation Studies

Marcela Langa Lacerda <sup>1</sup>  
Thais Lara Costa Manhães <sup>2</sup>  
Ana Maria Ribeiro de Jesus <sup>3</sup>

**Resumo:** A Sociolinguística Variacionista vem passando por revisões teórico-metodológicas e, nessa empreitada, entra em diálogo com outras abordagens linguísticas. Este artigo objetiva revisitar parte da proposta de articulação teórico-metodológica promovida por Bragança (2017) entre as abordagens variacionista, em sua terceira fase/onda (COUPLAND, 2001; 2007; IRVINE, 2001; ECKERT, 2005; 2012; 2016; 2018; ZHANG, 2005, dentre outros), e bakhtiniana (BAKHTIN, 2011 [1952- 53]; BAKHTIN, 2011 [1979]; VOLOCHÍNOV (2013 [1925], dentre outros), considerando a relação que se estabelece, com a articulação, entre variação estilística e gêneros do discurso para o exame de fenômenos variáveis. Para isso, esta investigação, de abordagem qualitativa e de cunho interpretativista, constitui-se como pesquisa bibliográfica e documental, na medida em que realiza uma breve análise do gênero *posts*, dos perfis (a) *Caneta Desmanipuladora* e (b) *Caneta Desesquerdizadora*, da rede social Instagram, a fim de ilustrar as discussões teóricas. Como resultado, argumenta-se que os gêneros do discurso são o lugar privilegiado para estudo do estilo linguístico, o objeto de investigação da terceira fase variacionista, dada a ressignificada concepção de estilo dessa onda.

**Palavras-chave:** Terceira onda variacionista; escritos do Círculo de Bakhtin; variação estilística; gêneros do discurso.

**Abstract:** Variationist Sociolinguistics has been undergoing theoretical and methodological adjustments as it dialogues with other linguistic approaches. This article aims to revisit part of the theoretical and methodological articulation proposed by Bragança (2017) between variationist approach, in its third phase/wave (COUPLAND, 2001; 2007; IRVINE, 2001; ECKERT, 2005; 2012; 2016; 2018; ZHANG, 2005, among others), and Bakhtinian approach (BAKHTIN, 2011 [1952-53]; BAKHTIN, 2011 [1979]; VOLOCHÍNOV (2013 [1925], among others), considering the relationship established, in this articulation, between stylistic variation and discourse genres for the examination of variable phenomena. Therefore, this investigation, with a qualitative approach and an interpretive bias, is constituted as a bibliographic and documental research and on a brief analysis of the genre of posts, with samples extracted from the Instagram profiles (a) *Caneta Desmanipuladora* and (b) *Caneta Desesquerdizadora* that

---

<sup>1</sup> Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais, Departamento de Línguas e Letras, Vitória, ES, Brasil. Endereço eletrônico: [marcela.lacerda@ufes.br](mailto:marcela.lacerda@ufes.br).

<sup>2</sup> Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais, Departamento de Línguas e Letras, Vitória, ES, Brasil. Endereço eletrônico: [thais.manhaes@edu.ufes.br](mailto:thais.manhaes@edu.ufes.br).

<sup>3</sup> Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais, Departamento de Línguas e Letras, Vitória, ES, Brasil. Endereço eletrônico: [ana.m.jesus@ufes.br](mailto:ana.m.jesus@ufes.br).

illustrate the theoretical discussions. As a result, it argues that discourse genres are the privileged place for studying linguistic style, the object of investigation of the third phase of variationist studies, given their new conception of style in this wave.

**Keywords:** Third wave of variation studies; writings of the Bakhtin Circle; stylistic variation; discourse genres.

### Considerações iniciais<sup>4</sup>

O Programa de Pesquisa Variacionista ou Sociolinguística Variacionista (doravante SV) constituiu-se formalmente no ano de 1964, nos Estados Unidos, tendo Willian Labov como seu precursor. Ao longo, contudo, de mais de 50 anos de trabalho, a SV tem passado por uma série de revisões de cunho teórico-metodológico. Por esse motivo, o campo acomoda, atualmente, diferentes tradições de pesquisa ou três ondas/fases (ECKERT, 2005; 2012; 2016; 2018), que não são lineares e/ou excludentes, ou seja, não se substituem e/ou se ordenam temporalmente, mas “cada uma representa uma maneira de pensar sobre a variação e uma prática metodológica e analítica” (ECKERT, 2005, p. 1). Corroborando essa leitura, Schilling (2013), por exemplo, ressalta que, no âmbito dessas três ondas, há três diferentes abordagens sobre estilo linguístico, quais sejam: *Attention to speech*, *Audience Design* e *Speaker Design*<sup>5</sup>, nenhuma substituindo a outra, mas todas coexistindo e avançando teórico-metodologicamente.<sup>6</sup>

Nos *Estudos de Terceira Onda* (doravante ETO)<sup>7</sup>, duas dentre as principais noções teóricas são: (i) a de agentividade dos falantes, em que esses são vistos como se posicionando no amplo quadro da paisagem sociocultural, construindo e projetando identidades, consoante posturas que assumem em cada atividade interacional; e (ii) a de prática estilística, uma prática de cerne ideológico e de diferenciação social, efetivada por muitas vias diferentes (roupas, costumes, comidas etc.), dentre as quais a linguagem, de modo que todo uso linguístico (incluindo o uso de fenômenos variáveis) passa a ser visto como um efeito dessa prática, ou

---

<sup>4</sup> Uma versão deste texto foi apresentada como *Relatório de Iniciação Científica*, na modalidade PIVIC, no âmbito da Universidade Federal do Espírito Santo (EDITAL 2020/2021). De lá para cá, contudo, a pesquisa se estendeu, requerendo, em nossa avaliação, socialização das discussões com a comunidade acadêmica, o que justifica este texto. Cf. Relatório de Iniciação Científica. Disponível em: [https://anaisjornadaic.sappg.ufes.br/piic/rel\\_final\\_16959\\_Relat%F3rio Final - Thais Lara C. Manhaes.pdf](https://anaisjornadaic.sappg.ufes.br/piic/rel_final_16959_Relat%F3rio%20Final_-_Thais_Lara_C._Manhaes.pdf).

<sup>5</sup> Essas abordagens costumam estar assim referidas na literatura, sem tradução. Seguimos a tradição.

<sup>6</sup> Cf., na próxima seção, algumas especificações sobre cada uma das três fases variacionistas, conforme literatura investigada, considerando que, tal como compreende Schilling (2013), explanar as abordagens sobre estilo representa uma explanação sobre as três ondas (em linhas gerais).

<sup>7</sup> Atenção: há muita divergência teórica, atualmente, acerca do que se entende por *terceira onda variacionista*. Langa-Lacerda e Görski (no prelo) esclarecem que a literatura sobre essa fase da SV – referida no plural (*estudos de terceira onda*) e denominada alternativamente como *abordagens Speaker Design* (SCHILLING, 2013) – não se organiza em torno de uma teoria muito bem delimitada, mas em torno de temas de trabalho que podem demandar ancoragens conceituais diversas, uma vez que, para ela, convergem pressupostos sociolinguísticos, antropológicos e discursivos. Logo, essa fase pode orientar diferentes práticas de pesquisa, embora todas tenham em comum o aparato epistemológico (em nossa compreensão).

seja, como um efeito de posturas que assumem os falantes em cada ato interacional (IRVINE, 2001).

Sendo toda prática linguística uma prática estilística, a tradicional separação entre *variação social* e *variação estilística*, típica da abordagem de primeira onda e, dentro dela, da abordagem *Attention to speech*, parece perder sentido nos ETO. Considerando uma aproximação entre (a) a concepção dos ETO de que o estilo linguístico (tal como o estilo de modo geral) (IRVINE, 2001) tem origem em *posturas* assumidas, isto é, em um conteúdo ao qual os sujeitos se vinculam, e (b) a concepção bakhtiniana de que o centro da enunciação<sup>8</sup> é o *discurso*<sup>9</sup>, Coupland (2001; 2007) defende que a mencionada fase variacionista agencia um quadro teórico discursivo, entrando em direto diálogo com os Escritos de Bakhtin. Não por acaso, portanto, esse filósofo russo vem sendo considerado, desde a segunda onda variacionista, “um arauto da sociolinguística moderna” (BELL, 2001, p. 143).

Bragança (2017), nessa direção, rastreou em parte da literatura dos ETO um diálogo (ora implícito, ora explícito) com os Escritos do Círculo de Bakhtin (doravante ECB) e, por esse motivo, desenvolveu uma proposta de articulação entre essa fase variacionista, os ECB e o campo funcionalista, já também em diálogo, historicamente, com o campo variacionista<sup>10</sup>. Como resultado, a autora vinculou, teoricamente, a noção de prática estilística/linguística, o ponto central dos estudos de terceira onda, à de gêneros do discurso e, no âmbito desses últimos, situou a constituição da relação entre formas e funções de fenômenos variáveis.

Ante ao exposto, este artigo objetiva revisar parte da proposta de articulação teórico-metodológica promovida por Bragança (2017), entre as abordagens variacionista, em sua terceira fase, e bakhtiniana, considerando a relação que se estabelece, com a articulação, entre (a) variação estilística, (b) gêneros do discurso e (c) formas e funções de fenômenos em variação/mudança<sup>11</sup>. A título de ilustração das discussões teóricas e ocupando espaço menor, este artigo apresenta uma breve análise de publicações dos perfis *Caneta Desmanipuladora* (@canetadesmanipuladora) e *Caneta Desesquerdizadora* (@canetadesesquerdizada), da rede social Instagram, com vistas a destacar o tipo de raciocínio analítico que também passa a importar para os estudos variacionistas, considerando premissas dos ETO.

---

<sup>8</sup> De modo geral, utilizamos, neste texto, *enunciado* e *enunciação* como termos alternativos para designar a unidade concreta e real da comunicação, um todo de sentido e que se constitui de duas dimensões, uma verbal e outra social, conforme literatura bakhtiniana.

<sup>9</sup> Os termos *posturas* e *discurso*, evocados pela concepção dos ETO e pela concepção bakhtiniana, respectivamente, referem-se ao componente ideológico, constitutivo da linguagem.

<sup>10</sup> Cf. a abordagem *sociofuncionalista* dos estudos linguísticos em Tavares (2003).

<sup>11</sup> Adverte-se ao leitor, neste ponto, que as discussões aqui propostas focalizam o estudo da variação, e não o da mudança linguística.

Na próxima seção, caracteriza-se brevemente cada uma das abordagens sobre estilo, no âmbito da SV, lançando luz sobre a abordagem da terceira onda; na sequência, especifica-se como as alterações conceituais dessa fase acabam reivindicando um quadro discursivo para o exame de fenômenos variáveis; na seção seguinte, apresentam-se algumas informações metodológicas sobre a breve análise realizada; posteriormente, os resultados da análise são apresentados e discutidos; e, por fim, tecem-se algumas considerações finais.

### **Diferentes concepções de estilo nos estudos da SV**

Os trabalhos da primeira onda variacionista, de orientação laboviana<sup>12</sup>, e, no âmbito dela, a abordagem *Attention to speech*, caracterizam-se, em geral, pela busca por regularidades, por padrões sociolinguísticos no âmbito da comunidade de fala, por meio de análise quantitativa e de dados coletados em entrevistas sociolinguísticas, prioritariamente<sup>13</sup>. Com isso, correlacionam, na investigação de fenômenos em variação/mudança, variáveis linguísticas e sociais, tais como classe, sexo, idade e escolaridade, consideradas macrocategorias sociais ou variáveis sociais clássicas, com foco na língua “usada na vida diária por membros da ordem social” (LABOV, 2008 [1972], p. 13).

Nessa concepção, a variação estilística é tida como um tópico secundário, uma vez que o foco de descrição é a gramática da comunidade de fala, a que se chega por meio do estudo da variação social (e não estilística). A variação estilística, nessa perspectiva, é definida como as alternâncias da linguagem de um falante em relação ao contexto imediato do ato de fala, de modo que os estilos podem ser “dispostos ao longo de uma única dimensão, medida pelo grau de atenção prestada à fala” (LABOV, 2008 [1972], p. 243), por meio de “audiomonitoramento da própria fala” (*ibidem*, p. 243), estabelecendo-se, com isso, o parâmetro *atenção à fala* para se definir estilo. Nesse sentido, os estudos labovianos elegeram como tipo de dado mais produtivo para a empreitada variacionista o vernáculo, o estilo de fala menos monitorado, o estilo prototípico de contextos informais de uso da língua, e que apresenta um padrão abstrato de produção.

---

<sup>12</sup> Por convenção, estamos, neste texto, nos referindo aos estudos de primeira onda como *estudos labovianos*, ressaltando o fato de que nem todos os trabalhos de Labov ou de orientação laboviana são de primeira onda: para Eckert (2005), a pesquisa de Labov (1963) em Martha’s Vineyard caracteriza-se como sendo de segunda onda; em Eckert (2018), esse mesmo trabalho de Labov é considerado de terceira onda; já o estudo sobre a Estratificação Social do Inglês de Nova York (LABOV, 1966) seria o marco dos estudos de primeira onda (ECKERT, 2005; 2012; 2016). Além disso, Bragança (2017) destaca que as concepções labovianas não se resumem às ideias de Labov, mas se estendem a outros autores, que retomam e avançam as práticas de pesquisa delineadas por esse autor.

<sup>13</sup> Esta é uma descrição geral sobre a primeira onda variacionista e, embora essa fase venha se complexificando, como resultado de anos de pesquisa, preserva, em nossa compreensão, a mesma epistemologia.

Dessa definição de estilo, orientada, principalmente, pela hipótese de que “a regularidade da variação estilística pode ser aferida por meio do controle de contextos que solicitam diferentes graus de atenção à fala” (LABOV, 2008 [1972], p. 244), depreende-se uma perspectiva unidimensional sobre estilo – estilos podem ser “dispostos ao longo de uma única dimensão” (LABOV, 2008 [1972], p. 243). A unidimensionalidade da proposta laboviana se daria em dois sentidos: (i) pela consideração de (apenas) um fator que afeta a variação, qual seja, o grau de atenção à fala; e (ii) pela concepção de um *continuum* de variação estilística que vai de formas vernaculares a formas padronizadas (COUPLAND, 2001; 2007; ECKERT, 2000; 2001; SCHILLING-ESTES, 2007; SCHILLING, 2013; GÖRSKI; VALLE, 2014). Os estudos de primeira onda variacionista, por consequência, parecem evocar a noção de sujeito consciente e passivo na interação social (porque aceita a adaptação contextual, na medida em que, quanto mais atenção presta à fala, mais se adapta, mais se ajusta contextualmente).

Além disso, a variação estilística, aqui, parece ser lida aos moldes da variação social (com essa se sobrepondo àquela), dada a relevância que a noção de classe socioeconômica assume nos estudos de primeira onda. Nessa fase, pressupõe-se um padrão estilístico “com falantes usando variantes associadas a grupos de classe alta em situações mais formais e variantes associadas com grupos de classe social mais baixa em situações mais casuais” (SCHILLING, 2013, p. 327), como se os indivíduos se organizassem hierárquica e consensualmente.

A crítica de Coupland (2007, p. 39), neste ponto, é a de que a mudança de estilo na proposta laboviana assemelha-se a “um cardume de peixes nadando, agrupados em pacotes sociais, que de repente se desviam juntos para um único rumo quando reconhecem a presença de um predador [...] ideológico – o estabelecimento da exigência de que o discurso público deve ser ‘mais correto’”.

Já os estudos de segunda onda, retomados aqui resumidamente, considerando os objetivos deste texto, praticam a abordagem denominada *Audience Design* (embora não se limitem a esse tipo de abordagem)<sup>14</sup>, delineada a partir do estudo de Allan Bell (1984), na Nova Zelândia. Nesse estudo, o autor analisou duas de várias estações de rádio que estavam sendo gravadas e transmitidas pelo mesmo conjunto de estúdios e pelo mesmo indivíduo, o que permitiu ao autor comparar os estilos do locutor em diferentes modos de transmissão.

---

<sup>14</sup> Dentre os estudos representativos da segunda fase variacionista, dedicada a estudos etnográficos, destacam-se o de Milroy (1980), sobre redes sociais de indivíduos da classe trabalhadora em Belfast (Reino Unido), e o de Eckert (2000) sobre a fala de adolescentes em duas comunidades de práticas escolares em Detroit (EUA), os jocks e os burnouts (ECKERT, 2005; 2012; 2018). Para os fins deste texto, interessa-nos, contudo, retomar apenas a abordagem estilística praticada no âmbito dessa fase variacionista.

Usando o método quantitativo clássico dos estudos de primeira onda, Bell encontrou variação sistemática em alguns aspectos das notícias e, como todas as variáveis analisadas se mantinham as mesmas e apenas o perfil dos ouvintes mudava, o autor concluiu que a variação do locutor era condicionada pelo tipo de público. Diante desses resultados, Bell desenvolveu sua abordagem sob diversas influências teóricas, dentre as quais destacamos a perspectiva bakhtiniana, importando desse quadro de referência, sobretudo, concepções quanto à *natureza da linguagem*, a ponto de considerar a abordagem *Audience Design* “como parte de uma teoria dialógica de linguagem” (BELL, 2001, p. 144).

Avaliando essa abordagem, Schilling (2013) destaca, por exemplo, que ela tem as seguintes vantagens em relação à abordagem laboviana: (i) é menos unidimensional, porque permite observar efeitos de outros fatores motivadores da variação, para além de *atenção à fala*; (ii) pressupõe que os falantes são agentivos, e não apenas reativos; e (iii) suas considerações se aplicam ao mundo real e a entrevistas sociolinguísticas. Por outro lado, algumas críticas que essa abordagem também recebe são: (i) continua, em alguma medida, pressupondo que a variação estilística é um fenômeno reativo (os falantes reagem ao tipo de audiência da situação); (ii) desconsidera o fato de que nem toda variação estilística pode ser explicada a partir de fatores situacionais; (iii) não explica o que exatamente da audiência inspira a variação estilística; (iv) ainda mantém ênfase em associações mais estáveis entre estruturas sociais, recursos linguísticos e significado social, quando, na verdade, os falantes podem não só retomar, mas também reformular essas associações (COUPLAND, 2001; SCHILLING-ESTES, 2007; SCHILLING, 2013).

Já no âmbito dos ETO, *além de alguns termos típicos dos estudos labovianos serem ressignificados*, uma série de outros é agenciada para teorização sobre a variação, uma vez que, dentre as principais premissas dessa fase, parece estar a de que não há separação entre variação estilística e variação social, sendo a variação estilística assumida como a própria variação linguística<sup>15</sup>. Nesse novo olhar, portanto, a variação estilística é alçada a objeto de estudo central, ou seja, a foco das abordagens *Speaker Design*, a ponto de se considerar que, nos ETO, não se veem variáveis, mas estilos (TAGLIAMONTE, 2012).

Esse deslocamento ocorre, sobretudo, considerando o caráter movente que os sujeitos (e suas identidades) e a língua (em seus usos efetivos) passam a ter. E os significados sociais das variantes passam a ser vistos, então, também como não estáticos, mas variáveis, porque gerais, tornando-se específicos apenas “em seu contexto estilístico” (ECKERT, 2016, p. 6-7),

---

<sup>15</sup> Não sem motivo, portanto, essa fase variacionista é identificada como perspectiva estilística da SV (ECKERT, 2005).

contexto em que, associados a uma constelação de outras formas e de outros significados, adquirem valor/significação.<sup>16</sup>

Nessa direção, se a proposta laboviana associa traços linguísticos a valores mais estáveis/regulares e unidimensionais, nos ETO não se trata de uma questão de associação linear ou unidimensional entre forma e valor, mas de como uma forma é valorada em dado contexto (especificamente) e para além de uma perspectiva unidimensional. O estudo de Zhang (2005), neste ponto, é exemplar, pois aponta para como, em decorrência da entrada da China no mercado global, emergem os *yuppies*<sup>17</sup>, que, para se diferenciarem ideologicamente de profissionais de mesma função e hierarquia, mas de empresas estatais, forjam um estilo linguístico cosmopolita, sendo esse apenas uma parcela de um conjunto de práticas que, desenvolvidas diariamente, “[dão] sentido a quem eles são” (ZHANG, 2005, p. 456).

Nesse contexto de discussões, para análise da relação entre forma linguística e significado social, os ETO acionam o conceito de campo indexical (SILVERSTEIN, 2003), tido como “uma constelação de significados [possíveis] que são ideologicamente correlacionados” (ECKERT, 2008, p. 464), levando em consideração que a variação, ao constituir um sistema indexical, incorpora a ideologia na linguagem (ECKERT, 2008). Com isso, os ETO assumem o princípio de que o estilo “tem origem no conteúdo” (ECKERT, 2008, p. 456), “na própria compreensão que se tem do mundo” (BRAGANÇA, 2017, p. 263), assumindo que a

[i]deologia é o centro da prática estilística [...] [e] cada movimento estilístico é o resultado de uma interpretação do mundo social e dos significados dos elementos dentro dele, assim como um posicionamento do estilizador em relação a esse mundo (ECKERT, 2008, p. 456).

Essa constatação, aliada ao pressuposto de Coupland (2001) de que a variação estilística, sendo funcionalmente diferente, não deve ser vista como um modo de se dizer a mesma coisa, conduz à compreensão de que o estilo linguístico é um modo de “sutilmente ativar múltiplas dimensões simultâneas do significado potencial” das formas linguísticas (COUPLAND, 2001, p. 209), uma vez que

[...] *os falantes usam variáveis* não simplesmente para refletir ou reafirmar seu lugar particular preordenado no mapa social, mas *para fazer movimentos ideológicos*. O uso de uma variável não é simplesmente uma invocação de um

---

<sup>16</sup> Lemos aqui *valor/significação* com a acepção de significado funcional e ideológico.

<sup>17</sup> Os *yuppies* são a elite jovem de Beijing, na função de diretores de empresas privadas que administram negócios de natureza transnacional.

valor indexical preexistente, mas uma *reivindicação indexical* que tanto pode invocar um valor preexistente quanto um novo valor (ECKERT, 2008, p. 464, grifo nosso).

Disso resulta que os ETO compreendem o estilo sociolinguístico como processo de contextualização, que cria o contexto e a ele responde (COUPLAND, 2007). Nota-se, portanto, que, nos ETO, estilo evoca também uma relação (conceitual) diferente (da perspectiva clássica do campo) com a noção de contexto, uma vez que essa relação, aqui, é vista como sendo estabelecida eventivamente, em cada atividade linguística, referindo-se o estilo a uma prática situada e discursivamente constituída (BAUMAN, 2001; COUPLAND, 2007).

A noção de campo indexical de Silverstein (2003) parece também apontar para o lugar central que o aspecto discursivo ocupa na investigação linguística/estilística, uma vez que ele é o elo entre aspectos macro e microsociais, na medida em que a indexicalidade é vista como sendo manifesta no contexto microcontextual (local), através da *interdiscursividade* (SILVERSTEIN, 2003). Tal elo ou conexão decorre, portanto, da relação que se estabelece pela/na linguagem entre o imaginário que os sujeitos têm sobre representações culturais mais amplas (macrossociais) e os interesses e perspectivas em questão na prática linguística local.

Neste ponto é que destacamos o poder das práticas locais e da agentividade dos sujeitos, frente a questões sociais mais amplas: *não é que essas últimas sejam desconsideradas nos ETO, mas o fato é que elas importam não pelo que são (empiricamente), mas pelo modo como os sujeitos localmente as percebem*. Por isso os ETO apresentam argumentos poderosos para que se considerem os indivíduos, em suas práticas locais, como a instância básica para o estudo da variação – tomada nesses termos.

Coupland (2001; 2007) ainda defende que essa fase variacionista não somente agencia um quadro teórico discursivo, mas entra em direto diálogo com os ECB, considerando a aproximação entre (a) a concepção de estilo linguístico nos ETO e (b) a concepção bakhtiniana de que o centro da enunciação é o discurso. É justamente por essa via (reitera-se) que, nos ETO (uma abordagem que estamos entendendo como discursiva de variação, e não estrutural<sup>18</sup>), ganha centralidade uma ressignificada concepção de estilo, na medida em que o estilo passa a se vincular ao discurso (posicionamento) e resultar de uma postura dinâmica, agentiva e criativa do sujeito em sua singularidade. Nesse sentido, o uso linguístico é sempre performático; e a variação, enquanto “reflexo [/projeção] de identidades” (ECKERT, 2012, p. 94), depende da

---

<sup>18</sup> Nesse ponto, seguimos na esteira de Camacho (2013), para quem o caminho teórico instaurado por Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]) “harmoniza os fatores empíricos da heterogeneidade com o *procedimento epistemológico de uma abordagem estrutural*” (CAMACHO, 2013, p. 100, grifo nosso). Para mais informações sobre a acepção de *estrutural* nesse excerto, cf. o próprio autor.

postura ideológica e estilística que está inscrita, na verdade, no gênero do discurso, como se apresenta na próxima seção.

Em termos metodológicos, os ETO parecem reivindicar prioritariamente análise qualitativa no âmbito de “sistemas sociais e culturais” (BRAGANÇA, 2017, p. 248), porque tendo em mira o estilo enquanto “fenômeno multidimensional complexo que não pode ser modelado em uma única teoria unidimensional” (HERNÁNDEZ- CAMPOY, 2019, p. 12), a análise da variação estilística extrapola resultados meramente quantitativos, devendo observar a qualidade da interação, com foco no funcionamento dos diferentes contextos sociais. Sobre esses últimos, admite-se que “a maioria das situações sociais terá uma arquitetura social preexistente e uma estrutura de gênero dentro da qual os significados sociais podem ser negociados” (COUPLAND, 2007, p. 41).<sup>19</sup>

Nos termos de Schilling (2013, p. 339),

[a]o eleger como foco de investigação a *variação estilística*, tendo em vista um conjunto de recursos que participe do processo de produção de significado, o tipo de análise que se faz nos estudos de terceira onda parece ser bem diferente das análises das ondas anteriores, porque o significado social da variação linguística se localiza no padrão qualitativo da variação estilística na interação e não no padrão quantitativo da variação linguístico-social do grupo (SCHILLING, 2013, p. 339).

Dessa discussão, depreende-se que, se, nas duas primeiras fases variacionistas, respectivamente, o estilo é unidimensional (uma questão de se prestar atenção à fala) e/ou menos multidimensional (uma questão de se prestar atenção à audiência), nos ETO o estilo linguístico (o próprio ato linguístico) é multidimensional e, por isso, indicia, concomitantemente, aspectos globais e locais, sociais e individuais, regulares e singulares, historicizados e evênticos.

Em busca de um tipo inédito de complexidade da interpretação social, essa é a perspectiva que, segundo Coupland (2001, p. 196), “define uma nova agenda para as investigações sociolinguísticas de estilo, segundo a qual a estilística sociolinguística deve se centrar na análise das condições sociais em que formas de falar se naturalizam” (COUPLAND, 2007, p. 188).

---

<sup>19</sup> Seguramente isso não significa que os ETO rejeitem análises quantitativas. Cf., por exemplo, o estudo de Zhang (2005), consensualmente apontado como representativo dessa fase e que faz esse tipo de análise. A questão é de foco e finalidade. Sobre isso, cf. Bragança (2017).

## A relação entre estilo e gêneros do discurso

No âmbito dos ETO, o estilo tem origem no conteúdo, e a variação linguística/estilística (re)constrói significados sociais, e não os reflete (conforme discussão precedente). É nessa direção que o estilo, em geral, o estilo linguístico, em particular, e a variação linguística/estilística, especificamente, integram um sistema social semiótico e consistem em recurso para constituição e projeção de identidades/posicionamentos.

Aproximando essas concepções das dos ECB, segundo as quais cada domínio ou esfera cultural significa e representa a experiência histórico-cultural dos sujeitos de dada maneira (BAKHTIN, 2011 [1952-53]), temos que, em relação ao que aqui nos importa, cada esfera “organiza, constrói e completa, à sua maneira, a forma gramatical e *estilística* da enunciação” (VOLOCHÍNOV, 2013 [1925], p. 159, grifo nosso), entendendo *estilo*:

(1) em primeiro lugar, como “visão de mundo” (BAKHTIN, 2011 [1979], p. 187), de modo que estilo “não trabalha com palavras, mas com os componentes do mundo, com os valores do mundo e da vida [...]” (BRAIT, 2010b, p. 87, grifo da autora), sendo a visão de mundo que constrói e unifica as atitudes e a orientação frente aos fatos da vida, que constrói e unifica, na verdade, o horizonte do homem, que “não pode ser definido como pessoa” (BAKHTIN, 2011 [1979], p. 191), mas como posição, como ponto de vista e linguagem;

(2) e, em segundo lugar, como “*elaboração do material*” (BAKHTIN, 2011 [1979], p. 187), como “unidade de procedimento de enformação e acabamento” (BAKHTIN, 2011 [1979], p. 186), como a seleção dos recursos léxicos, fraseológicos e gramaticais da língua (BAKHTIN, 2011 [1952-53]).

Pelas discussões até aqui realizadas, parece que tanto nos ETO quanto nos ECB estilo contempla essas duas dimensões, ultrapassando, portanto, a consideração de aspectos exclusivamente linguísticos. Se as duas abordagens evocam um ângulo discursivo, nossa argumentação, valendo-nos dos ECB, é a de que “[a] análise estilística [...] só é possível como análise de um enunciado pleno” (BAKHTIN, 2011 [1952-53], p. 306) e, como consequência disso, “[a] estilística deve basear-se [...] no campo propriamente dito da comunicação dialógica, ou seja, no campo da vida autêntica da palavra” (BAKHTIN, 2015 [1929], p. 231-232).

É nesse sentido que os gêneros do discurso, o campo da vida autêntica da palavra, parecem ser o lugar privilegiado para os estudos variacionistas, considerando que eles são *formas típicas de estruturação da totalidade discursiva* (BAKHTIN, 2011 [1952-53], p. 282), ou “um tipo específico de atividade [...] que incorpora uma percepção específica da experiência” (MORSON; EMERSON, 2008, p. 299), indiciando e se configurando a partir de

um conteúdo e de uma forma típicos, que põem em tela a organização social das práticas linguísticas, sobre o que os ETO querem agora teorizar (ZHANG, 2005).

Pondo em evidência a relação entre estilo e gêneros do discurso, destacamos duas importantes considerações dos estudos bakhtinianos. A primeira é a de que os gêneros, por um lado, *não* são criados pelos sujeitos, mas dados a eles, quase que da mesma maneira que as formas da língua: “falamos apenas através de determinados gêneros do discurso, isto é, todos os nossos enunciados possuem formas relativamente estáveis e típicas de construção do todo” (BAKHTIN, 2011 [1952-53], p. 282). Assim, eles funcionam como reguladores da interação que se estabelece entre os interlocutores, pois são responsáveis por um processo de enformação e acabamento da enunciação, de maneira que toda intenção enunciativa é adaptada a uma forma específica de gênero, sendo as formas linguísticas agenciadas, em coocorrência, no âmbito dos gêneros.

Por outro lado, os gêneros do discurso são flexíveis, livres e plásticos (BAKHTIN, 2011 [1952- 53]), de maneira que, “ao mesmo tempo que se [constituem] como força reguladora para a construção e acabamento do enunciado para o falante, como horizonte de expectativa para o interlocutor, também se [renovam] a cada interação verbal” (RODRIGUES , 2001, p. 51-52). Sobre a plasticidade dos gêneros do discurso, Bauman (2001) destaca que, entre o *gênero*, enquanto produto cultural relativamente estável, e o *texto de gênero*, produto cultural sempre evêntico, porque sensível a elementos irrepetíveis da cena interacional, há uma lacuna a ser preenchida variavelmente pelos sujeitos no *jogo discursivo*. Sendo uma unidade ao mesmo tempo social e individual, regular e evêntica, histórica e emergente, que indicia um amplo conjunto de fatores que impactam a configuração dos usos linguísticos, argumentamos que os gêneros parecem fornecer respostas para os seguintes desafios que se impõem aos ETO, conforme destacados por Mendes (2017) e já sintetizados por Bragança (2017, p. 571-572):

(i) por um lado, *propor um novo modo de trabalho*, já que precisa lidar justamente com a agentividade do sujeito e com a possibilidade de exame de múltiplos significados dos recursos linguísticos; destaque-se que, segundo o autor, uma das críticas, inclusive, aos trabalhos [dos ETO], por parte de sociolinguistas que se interessam por padrões de variação, é justamente a (contudente) relevância conferida à noção de agentividade dos falantes na projeção de *persona*;

(ii) por outro lado, equacionar o fato de que, a despeito da agentividade dos falantes, *elas não são livres para agir de modo desordenadamente criativo*, já que o interlocutor precisa compreender os significados sociais veiculados; segundo Mendes, embora se saiba que há limites que se impõem à performance estilística de um falante, não há no campo trabalhos que explicitem como tais limites se operacionalizam [...].

Aprofundando a questão sobre por que os gêneros do discurso são o espaço privilegiado para o estudo de fenômenos em variação/mudança, sob a ótica dos ETO, uma explicação sobre a relação entre (a) gêneros do discurso e (b) estilo está assim posta em Langa-Lacerda (2021, p. 256):

- i) gêneros do discurso são o quadro para a compreensão da prática estilística, uma vez que eles funcionam como ordenadores do estilo, na medida em que constituem uma constelação de características coocorrentes, sistematicamente relacionadas e que contrastam com outras constelações; assim, os gêneros funcionam como uma estrutura orientadora para a produção e percepção de discursos: um gênero é um estilo de discurso, e o estilo linguístico é do gênero;
- ii) os gêneros não fornecem, contudo, meios para produção e recepção de discursos de modo acabado, porque fatores diversos sempre estão implicados na prática discursiva, sendo variavelmente mobilizados, o que faz com que elementos emergentes sempre participem do processo discursivo, abrindo caminho para a possibilidade de reconfiguração do gênero (e de seu estilo) [...];
- iii) o exame da prática comunicativa – e da variação linguística – por meio dos gêneros faculta a observação de elementos indexicais diversos, uma vez que os gêneros indiciam outros textos, situações, tipos (sociais) de falantes, função comunicativa etc., sempre implicados, de modo, mais ou menos, proeminente. Por esse último aspecto, inclusive, a terceira fase variacionista tem convocado análises multidimensionais (RICKFORD, 2001; TAGLIAMONTE, 2012), com foco especialmente em análises qualitativas.

Acrescentando mais um aspecto, agora considerando a relação que se estabelece entre formas e funções de fenômenos variáveis, a fim de argumentar que isso também ocorre no âmbito dos gêneros, destaca-se que tanto os ETO quanto os ECB parecem conceber que as próprias formas da língua (tal como os gêneros do discurso) são relativamente estáveis e relativamente flexíveis, livres e plásticas. Nesse contexto, caberia investigar até que ponto a produção de sentido evêntico dos textos de gêneros do discurso é realizada *mediante a própria mobilidade funcional das formas* que lhe são constitutivas.<sup>20</sup>

Com essas considerações em mente, realizamos uma análise, conforme a seguir, a título de ilustração do tipo de análise também evocada pelos ETO<sup>21</sup>.

---

<sup>20</sup> Cf., sobre isso, a argumentação de Traugott (2001) de que a multifuncionalidade de uma forma pode e deve ser vista como uma questão estilística. Cf. também a análise de Langa-Lacerda (2021), a partir dessa perspectiva.

<sup>21</sup> Atenção: este texto focaliza a discussão teórica, sendo a análise apenas ilustrativa do tipo de raciocínio que também passa a vigorar no âmbito da SV, conforme já destacado.

## Procedimentos metodológicos

A breve análise realizada delineou-se a partir de uma das principais premissas que parece conduzir os ETO: a de que análises contrastivas são profícuas para o exame da variação estilística, tendo em vista que um estilo se constitui em relação a outro, pondo em evidência diferentes *personas*, suscitadas por diferentes posicionamentos ideológicos, o cerne de toda prática social, como visto precedentemente.

Na tentativa de recuperar como, no âmbito de um mesmo gênero, diferentes *personas* motivam diferenças linguísticas e engendram um lugar (discursivo) profícuo para o exame de fenômenos em variação, selecionamos 20 publicações do gênero *posts*<sup>22</sup>, dos seguintes perfis da rede social Instagram: (a) *Caneta Desmanipuladora*<sup>23</sup> e (b) *Caneta Desesquerdizadora*<sup>24</sup>.

A *Caneta Desmanipuladora*, criada no Brasil por certo grupo político de esquerda, surgiu para *rabiscar* títulos de matérias jornalísticas de certo grupo de direita, a fim de delatar o que considera ser manipulação discursiva<sup>25</sup>. Com a repercussão das publicações, a página obteve como resposta a emergência de um outro perfil, o *Caneta Desesquerdizadora*, de certo grupo político de direita que faz o mesmo com as notícias jornalísticas do opositor.

Os dados analisados foram coletados no período de março de 2020 a março de 2021, compreendendo o ano de início das restrições sanitárias impostas pela pandemia de COVID-19, posto que, dada a rivalidade político-partidária que se instaurou no Brasil (e no mundo) nesse contexto, partimos do pressuposto de que as publicações indiciariam discursos e estilos antagônicos de modo inequívoco. Considerando a brevidade da análise aqui apresentada, problematizamos, mais diretamente, o que consideramos ser, neste artigo, um caso de variação lexical, embora os ETO observem também outros tipos de variação e também recursos em coocorrência, no âmbito de uma prática. Os resultados estão descritos a seguir.

## Resultados e discussão

A fim de que o leitor se familiarize com os textos analisados, apresentamos, a seguir, de modo contrastivo, dois deles (representativos de todos os textos analisados) um de cada perfil,

---

<sup>22</sup> Por questão de foco, não apresentamos neste texto considerações sobre o gênero *post*. Para isso, cf. Gregol, Souza e Costa-Hübes (2020).

<sup>23</sup> Cf. o perfil em: <https://www.instagram.com/canetadesmanipuladora/>.

<sup>24</sup> Cf. o perfil em: <https://www.instagram.com/desesquerdizada/?hl=pt-br>.

<sup>25</sup> A fim de mantermos coerência entre teoria e análise, não podemos instaurar uma oposição (simples) entre grupos/discursos de direita e de esquerda, como se cada um desses grupos fosse homogêneo, tendo em vista a premissa de que todo movimento identitário, no interior de um grupo, é plural. Assim, acreditamos que há muitas formas de *ser direita* e *ser esquerda*, estando para além dos objetivos deste texto uma discussão mais acurada sobre esse aspecto evocado pelo *corpus* constituído nesta investigação.

para tecermos breves observações.<sup>26</sup>

Figura 1 – Post da Caneta Desmanipuladora



Fonte: Instagram (2020).

Figura 2 – Post da Caneta Desesquerdizadora



Fonte: Instagram (2021).

Conforme indiciam as figuras precedentes, assuntos relacionados à pandemia de COVID-19 foram os que mais suscitaram a atuação das duas canetas, um indicativo de que os dois grupos em tela organizam suas práticas na relação (dialógica) que mantêm entre si – no caso, uma relação de evidente oposição ideológica.

Sobre o gênero em tela, pode-se afirmar que, inspirado em ares jornalísticos (veja-se a configuração visual do gênero, por exemplo), a autoria não se refere a um sujeito empírico/físico, mas a uma posição de autoria (de *persona*) inscrita no gênero<sup>27</sup>. Nesse caso, a autoria é a figura de um homem público e especializado, no sentido de que sabe aquilo que diz, de modo que seu dizer é dotado de credibilidade, o que culmina por estabelecer, em geral, uma relação assimétrica entre autor e leitor, pois o autor apresenta-se como uma voz de autoridade em relação ao dito.

Diferentemente dos textos jornalísticos, contudo, os perfis analisados põem em evidência a autoridade do leitor, que pode refutar/rabiscar publicamente o dizer do autor, conforme organização visual do gênero. Na Figura 1 (com notícia escrita por certo grupo de direita e rabiscada por certo grupo de esquerda), a *Caneta Desmanipuladora* nega a afirmação da manchete jornalística – de que os camelôs cariocas vendem vacinas falsas contra COVID-19 –, rabiscando o título da notícia e denunciando, com isso, que se trata de uma reportagem que propaga notícias falsas sobre a vacina. Nota-se que o grupo que rabisca, ao acionar os termos

<sup>26</sup> Reitere-se que a análise foi de 20 publicações do gênero em questão. As duas publicações (aqui apresentadas de modo ilustrativo) são consideradas representativas de toda a amostra, levando em conta as regularidades de estratégias discursivas para o diálogo estabelecido entre os perfis. A análise, portanto, não se refere apenas às duas publicações apresentadas. E recupere-se ainda que o que está em tela, com a análise, é o raciocínio teórico-metodológico para compreensão da relação entre (a) variação estilística, (b) gêneros do discurso e (c) formas e funções de fenômenos em variação/mudança, conforme se apresentou na parte inicial deste texto.

<sup>27</sup> Sobre esse aspecto, cf. a discussão de Rodrigues (2001) sobre o gênero *artigo jornalístico*.

*mal apurada, espalha e fake news*<sup>28</sup>, para se referir ao título da matéria, reitera a recorrente perspectiva de que *a direita* opera com um discurso de pós-verdade, ou seja, um discurso que, propagado – ou *espalhado* – repetidamente, é considerado verdadeiro, apesar de não o ser (SILVA, 2020). É, pois, nesse movimento agentivo/criativo que a *Caneta Desmanipuladora*, por questões ideológicas, reenforma/reenquadra o discurso de certa direita e reelabora o material por ela produzido, por meio de uma nova seleção de recursos léxicos, fraseológicos e gramaticais da língua – validando a leitura (tanto dos ETO quanto dos ECB) de que o estilo é, primeiro, visão de mundo e, depois, elaboração do material.

Com esse mesmo espírito, na Figura 2 (em notícia escrita por certo grupo de esquerda e rabiscada por certo grupo de direita), pode-se olhar mais diretamente para um caso de variação lexical. Nesse texto, a *Caneta Desesquerdizadora* rabisca o termo *autoritarismo necessário*, substituindo-o por *fascismo do bem*, produzindo o efeito de, talvez, ironizar o grupo político que, reiteradamente, combate o fascismo, tomando-o como típico do grupo oponente (*a direita*). Além disso, talvez reconhecendo certo fascismo em seu pensamento, mas não podendo utilizar esse termo – uma vez que ele, carregado de um valor difamatório, evoca sempre a atitude do outro –, o certo grupo de esquerda parece, inclusive, justificar-se quanto ao posicionamento ideológico assumido perante o tema em voga: o autoritarismo, no caso da vacinação, é necessário. Daí, talvez, o reenquadramento discursivo do certo grupo de direita sobre esse dito, com a seguinte reelaboração do material: *fascismo do bem*.

Se uma das acepções dicionarizadas do termo *fascismo*<sup>29</sup> é autoritarismo, de modo que, em estado de dicionário, *fascismo do bem* e *autoritarismo necessário* poderiam ser vistas, nesse contexto específico, como um caso de variação lexical, considerando a perspectiva laboviana – uma vez que evocam o mesmo significado referencial –, na vida autêntica da palavra, ou seja, no uso efetivo e situado da língua não se pode ter dúvidas de que as construções não se substituem. Embora substituíveis paradigmaticamente (conforme, inclusive, registro visual, no gênero), tendo em vista o sistema abstrato da língua, não são intercambiáveis discursivamente, porque cada uma funciona no interior de um tipo de orientação para a vida pública, evocando, tipos específicos de *persona*.

Assim, se essas construções não se equivalem em termos de intenção comunicativa (porque cada construção só pode funcionar no interior de um dos discursos, especificamente),

---

<sup>28</sup> Conforme Silva (2020), a expressão *notícias falsa*, do inglês *fake news*, é um neologismo utilizado para se referir a notícias fabricadas. Embora tenha origem nos meios tradicionais de comunicação, já se tornou frequente no meio virtual.

<sup>29</sup> Cf. Dicionário *Priberam*, disponível em: <https://dicionario.priberam.org/fascismo>. Acesso em 15 fev. 2022.

há que se questionar a própria perspectiva sobre variação, no que tange à compreensão de que são formas de se dizer a mesma coisa, conforme adverte Coupland (2001). Esse tipo de raciocínio, portanto, que evoca a observação dos recursos linguísticos no interior de discursos específicos (e em contraste com outros), impõe ao analista uma dificuldade a mais para o exame de fenômenos variáveis, tomados agora como fenômenos estilísticos.

Considerando a totalidade de textos analisados nesta investigação (20 publicações), de que os textos precedentemente apresentados são exemplares, concebe-se que o material linguístico, sob esse ângulo, assumindo função estilística, função, portanto, de indiciar um tipo específico de discurso (e se configurando justamente para isso), deixa ver que, a despeito de uma autoria historicizada, relativamente estável e esperada/reconhecida, no gênero, há espaço:

- (i) para que diferentes *personas* se realizem no mesmo gênero, de modo que, por esse motivo (dentre outros) o texto de gênero (evêntico) é profícuo para o exame de identidades/*personas* constituídas e projetadas em práticas específicas de uso da linguagem;
- (ii) para a reorganização/atualização do material linguístico, considerando o conjunto de formas (e, associadas a elas, de funções) em coocorrência – veja-se, por exemplo, que a construção *fascismo do bem* só pode ser aceita se há contexto ancorando a leitura crítica, leitura a que o leitor precisa chegar, por inferência: o leitor precisa compreender, no gênero em questão, que a construção indicia ironia ou acusação (do grupo de direita ao grupo de esquerda), uma vez que não pode haver *fascismo do bem*, no mundo da vida.

Nesse sentido é que estamos compreendendo que os ETO concebem que os usos linguísticos devem ser estudados no âmbito de uma abordagem discursiva e funcionalmente orientada (COUPLAND, 2001) e que o estilo linguístico está vinculado ao discurso, em primeiro plano, e ao material linguístico, em segundo plano (mas não menos importante), ocorrendo esses sempre de modo relacionado, no âmbito de uma enunciação, em contraste com outra, pois isso é que orientaria cada atividade/prática de linguagem.

O estudo da variação, nessa via, parece convocar outra epistemologia, demandando novos conceitos e novos métodos, voltados para o centro da prática social – dentre elas, a prática linguística –, qual seja: o significado social, em todo o seu dinamismo e indeterminação, dada a assunção de que tanto a linguagem quanto o mundo social são uma produção humana contínua (ECKERT, 2018). Os gêneros do discurso, conforme ideário bakhtiniano, evocando todas essas premissas, parecem ser o lugar privilegiado para o tipo de investigação demandada pelos ETO.

## Considerações finais

Panoramicamente, a discussão aqui empreendida teve o objetivo de argumentar que os gêneros do discurso são o lugar privilegiado para o estudo do estilo linguístico, o objeto de investigação da terceira fase variacionista, dada a ressignificada concepção de estilo dessa onda, que parece apontar para um novo conjunto de premissas.

Em nossa perspectiva, essas considerações indiciam mudança epistemológica entre a primeira fase (estrutural) e a terceira fase (antropológico-discursiva) da SV (CAMACHO, 2013), por conta, especialmente, da mudança de foco entre elas (de foco no estudo da variação para compreensão da mudança linguística, para foco no estudo da variação para compreensão dos princípios da organização social, considerando especificidades da sociedade atual, constituída pela modernidade-tardia (COUPLAND, 2007) ou pela modernidade radicalizada (GIDDENS, 1991).

Até que ponto a comunidade acadêmica reconhece esse tipo de raciocínio como ainda sendo variacionista é um bom indicativo sobre até que ponto a literatura de terceira onda acionada neste texto está, em termos epistemológicos, em relação de complementariedade ou de ruptura com a perspectiva laboviana (BRAGANÇA, 2017). Sigamos no debate sobre a sociolinguística de terceira onda, que ainda está em sua infância teórico-metodológica (ECKERT, 2012).

## Referências

- BAKHTIN, M. M. Os gêneros do discurso. *In*: BAKHTIN, M. M. **Estética da criação verbal**. 6. ed. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2011 [1952-53]. p. 261-306.
- BAKHTIN, M. M. O problema do autor. *In*: BAKHTIN, M. M. **Estética da criação verbal**. Tradução do russo por Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011 [1979]. p. 173-192.
- BAKHTIN, M. M. O discurso em Dostoiévski. *In*: BAKHTIN, M. M. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Tradução do russo, notas e prefácio de Paulo Bezerra. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2015 [1929]. p. 207-310.
- BAKHTIN, M. M. [Volochninov]. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução do francês por Michel Lahud e Yara F. Vieira. 16. ed. São Paulo: Hucitec, 2014 [1929].
- BAUMAN, R. The ethnography of genre in a Mexican market: form, function, variation. *In*: ECKERT, P.; RICKFORD, J. R. (Eds.). **Style and sociolinguistic variation**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001. p. 57-77.
- BELL, A. Back in style: reworking audience design. *In*: ECKERT, P.; RICKFORD, J. R. (Eds.). **Style and sociolinguistic variation**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001. p. 139-169.

BRAGANÇA, M. L. L. **Uma proposta de articulação teórico-metodológica entre os campos variacionista, funcionalista e dialógico para o tratamento de variação/mudança**: reflexões a partir da expressão do futuro do presente. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017.

CAMACHO, R. G. **Da linguística formal à linguística social**. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.

CASIMIRO, S. A identidade nos estudos sociolinguísticos. *In*: ANDRADE, G. S. (Org.). **Estudos linguísticos: do falado ao escrito, do texto ao discurso**. 1. ed. Porto Alegre: Fi, 2020. p. 30-56.

COUPLAND, N. **Style: language variation and identity**. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

COUPLAND, N. Language, situation, and the relational self: theorizing dialectstyle in sociolinguistics. *In*: ECKERT, P.; RICKFORD, J. R. (Eds.). **Style and sociolinguistic variation**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001. p. 185-210.

ECKERT, P. **The third wave in sociolinguistics**. Cambridge: Cambridge University Press. 2018. Disponível em: [https://librarylinguistics.files.wordpress.com/2019/04/meaning\\_and\\_linguistic\\_variation.pdf](https://librarylinguistics.files.wordpress.com/2019/04/meaning_and_linguistic_variation.pdf). Acesso em: 10 mar. 2020.

ECKERT, P. Third wave variationism. **Oxford handbooks online**, 2016. Disponível em: <http://www.oxfordhandbooks.com/view/10.1093/oxfordhb/9780199935345.001.0001/oxfordhb-9780199935345-e-27>. Acesso em: 12 abr. 2017.

ECKERT, P. Three waves of variation study: the emergence of meaning in the study of variation. **Annual Review of Anthropology**, n. 41, p. 87-100, jun 2012.

ECKERT, P. Variation and the indexical field. **Journal of Sociolinguistics**, 12/4, p. 454-476, Oxford: Blackwell, 2008.

ECKERT, P. Variation, convention and social meaning. **Paper Presented at the Annual Meeting of the Linguistic Society of America**. Oakland CA, Jan. 7, 2005.

GIDDENS, A. **As consequências da modernidade**. Tradução de Raul Fiker. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1991.

GORSKI, E. M.; VALLE, C. R. M. Variação estilística em entrevistas sociolinguísticas: uma (re)leitura do modelo laboviano. *In*: GÖRSKI, E. M.; COELHO, I. L.; SOUZA, C. M. N. **Variação estilística** – reflexões teórico-metodológicas e propostas de análise. Florianópolis: Insular, 2014. p. 67-92.

GREGOL, F. A.; SOUZA, T. F. B.; COSTA-HUBES, T. C. O gênero multimodal *post* em facebook e suas configurações no ideário do Círculo de Bakhtin. **Revista educação e linguagens**, v. 9, p. 371-386, 2020.

HERNÁNDEZ-CAMPOY, J. M. Stylistic models in sociolinguistics and social philosophy. **Language variation: research, models, and perspectives**. n.7, p. 1-17, 2019. Disponível em: <https://lipp.ub.uni-muenchen.de/lipp/article/view/4874>. Acesso em: 13 abr. 2020.

IRVINE, J. “Style” as distinctiveness: the culture and ideology of linguistic differentiation. In: ECKERT, P.; RICKFORD, J. R. (Eds.). **Style and sociolinguistic variation**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001. p. 21-43.

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].

LANGA-LACERDA, M. A expressão do futuro do presente, os gêneros do discurso no âmbito da terceira onda variacionista e o mundo pós-covid-19: algumas incursões. **Working Papers em Linguística (ONLINE)**, v. 22, p. 246-277, 2021.

LANGA-LACERDA, M.; GÖRSKI, E. M. **Potencial analítico dos gêneros do discurso para os estudos variacionistas**. No prelo.

MENDES, R. B. A terceira onda da sociolinguística. In: SOUZA, P. C. *et al.* **Novos caminhos da Linguística**. 1ed. São Paulo: Contexto, 2017. p. 103-123.

MORSON, G. S.; EMERSON, C. **Mikhail Bakhtin: criação de uma prosaística**. Tradução de Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Edusp, 2008.

PAREDES SILVA, V. L. Relevância das variáveis linguísticas. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Orgs.). **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2004. p. 67-71.

RODRIGUES, R. H. **A constituição e o funcionamento do gênero jornalístico artigo: cronotopo e dialogismo**. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) – PUCSP, São Paulo, 2001.

SCHILLING, N. Investigating stylistic variation. In: CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, P.; CHILLING, N. (Eds.). **The handbook of language variation and change**. 2. ed. Cambridge: Blackwell, 2013. p. 327-349.

SCHILLING-ESTES, N. Stylistic variation and the sociolinguistic interview: a reconsideration. In: **25 Años de Linguística Aplicada em España: Hitos y Retos: Actas Del XXV Congreso Internacional de La Asociación Española de Linguística Aplicada (AESLA)**, Murcia, 2007, p. 971-986. Disponível em: <http://www.um.es/lacell/aesla/contenido/pdf/9/schilling.pdf>. Acesso em: 2 ago. 2016.

SILVA, C. G. C. da. **O bolsonarismo da esfera pública: uma análise foucaultiana sobre os conceitos de pós-verdade, fake news e discurso de ódio presentes nas falas de Bolsonaro**. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2020.

SILVERSTEIN, M. Indexical order and the dialectics of sociolinguistic life. **Language & Communication**, v. 23, p. 193-229, 2003.

TAGLIAMONTE, S. A. **Variationist sociolinguistics: change, observation, interpretation.** Cambridge: Wiley – Blackwell, 2012.

TAVARES, M. A. **A gramaticalização de E, AÍ, DAÍ e ENTÃO: estratificação/variação e mudança no domínio funcional da sequenciação retroativo-propulsora de informações – um estudo sociofuncionalista.** Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.

TRAUGOTT, E. C. Zeroing in on multifunctionality and style. *In: ECKERT, P.; RICKFORD, J. R. (Eds.). Style and sociolinguistic variation.* Cambridge: Cambridge University Press, 2001. p. 127-136.

VALLE, C. R. M.; GÖRSKI, E. M. Por um tratamento multidimensional da variação estilística na entrevista sociolinguística. *In: GÖRSKI, E. M.; COELHO, I. L.; SOUZA, C. M. N.. Variação estilística – reflexões teórico-metodológicas e propostas de análise.* Florianópolis: Insular, 2014. p. 93- 121.

VOLOCHÍNOV, V. Para além do social. Um ensaio sobre a teoria freudiana. *In: VOLOCHÍNOV V. A Construção da enunciação e outros ensaios.* Tradução e Notas de João Wanderley Geraldi (org.). São Carlos: Pedro & João Editores, 2013 [1925]. p. 29-69.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística.** Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2006 [1968].

ZHANG, Q. Chinese yuppie in Beijing: phonological variation and the construction of a new Professional identity. **Language in Society**, Cambridge University Press, v.34, p. 431–466, 2005.

### **Sobre as autoras**

*Marcela Langa Lacerda* (Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0002-8824-8339>)

Doutora em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina. Professora da área de Linguística na Universidade Federal do Espírito Santo, coordenadora do projeto de pesquisa *Articulações teórico-metodológicas para o tratamento de fenômenos em variação/mudança.*

*Thais Lara Costa Manhães* (Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0003-3485-4824>)

Graduanda em Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Espírito Santo, pesquisadora do projeto *Articulações teórico-metodológicas para o tratamento de fenômenos em variação/mudança.*

*Ana Maria Ribeiro de Jesus* (Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0001-5479-5564>)

Doutora em Letras pela Universidade de São Paulo. Professora da área de Linguística na Universidade Federal do Espírito Santo, coordenadora do projeto *Estudos lexicais, neologia e cultura digital.*

Recebido em fevereiro de 2022.

Aprovado em setembro de 2022.